



Solidarius

O Desafio da Organicidade

Belo Horizonte, Março, 2011

Situando o Tema

Há muitas soluções eficientes para organicidade e sustentabilidade de redes e organizações sociais.

Essas soluções estão vinculadas a compreensões diferentes de sociedade e de poder.

O desafio não está apenas em organizar e sustentar uma rede, mas em criar soluções que sejam coerentes com os valores de libertação e de humanidade que assumimos, que sejam a realização prática das proposições que defendemos.

Não aprofundaremos o tema da organicidade sob o viés de estrutura e funcionamento organizacional, mas sob o prisma da integração em rede dos atores em eixos estratégicos de ação cultural, política e econômica como práxis de libertação popular.

Roteiro da Exposição

1. Organicidade: Rede, Educação e Cidadania
2. A Sustentabilidade das Organizações Sociais

1. Rede

Rede é a forma básica da vida e das sociedades.

A noção de *rede* é própria da *teoria da complexidade*
Ela surge a partir de elaborações em diferentes áreas:
cibernética, ecologia, psicologia e de outras elaborações
sistêmicas.

Rede pode ser entendida como:

- **categoria analítica:**
para explicar a realidade e seus fenômenos particulares
- **categoria estratégica:**
para projetar ações concretas no enfrentamento da realidade

Visão de Rede destaca

- relações entre diversidades que se integram
 - os fluxos de elementos que circulam nessas relações
 - os laços que potencializam a sinergia coletiva
 - o movimento de autopoiese em que cada elemento concorre para a reprodução de cada outro
 - a potencialidade de transformação de cada parte pela sua relação com as demais
 - a transformação do conjunto pelos fluxos que circulam através de toda a rede.
- Assim a consistência de cada membro depende de como ele se integra na rede, dos fluxos de que participa, de como acolhe e colabora com os demais.

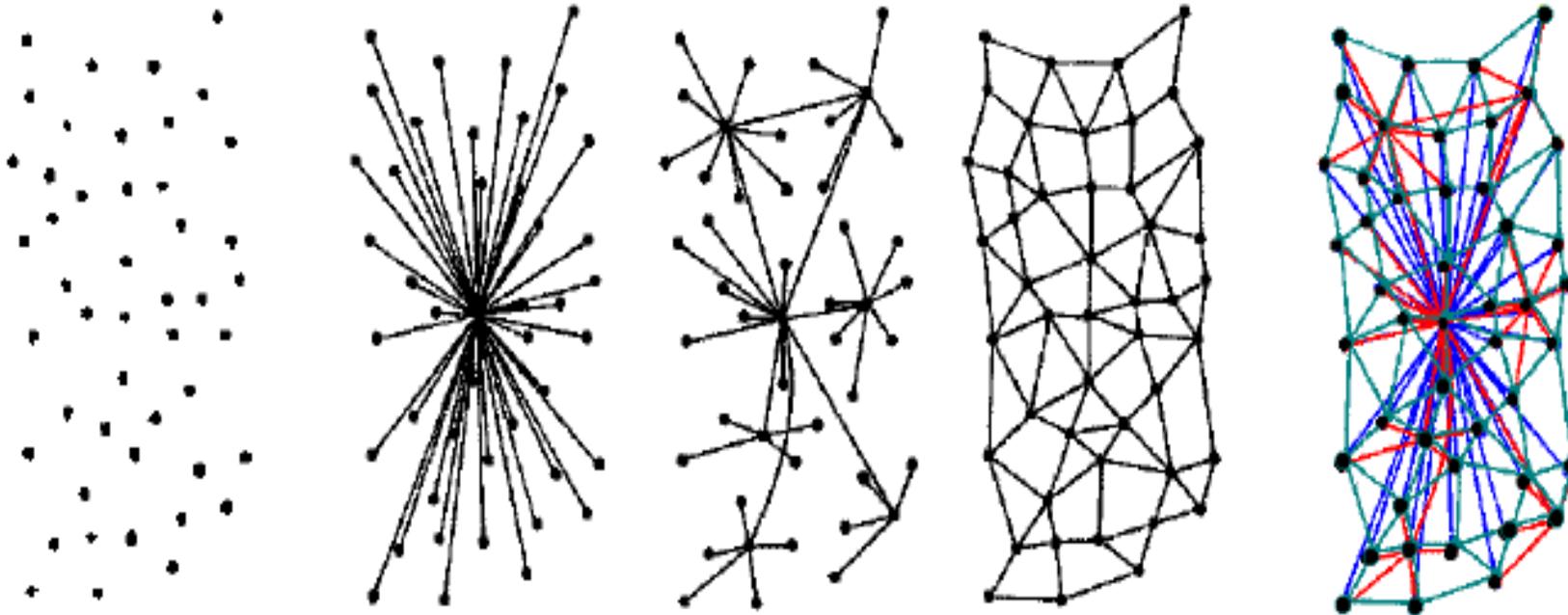
Elementos básicos de uma rede

- os seus atores, células ou nodos constituintes
- as conexões entre eles
- os fluxos que os perpassam

As propriedades básicas de uma rede:

- autopoiese
- intensividade
- extensividade
- diversidade
- integralidade
- realimentação
- fluxo de valor
- fluxo de informação
- fluxo de matérias
- agregação

Configurações de Rede



Inexistente Centralizada Descentralizada Distribuída + Complexa

- ▶ Toda a realidade pode ser pensada como redes de redes. Pois cada nodo é igualmente uma outra rede. Exemplos: ecossistemas, tecidos sociais, redes familiares, redes econômicas, redes neurais, etc.

Modos de Atuação

▶ Há diferentes modos de atuação das redes sociais, que podem ser agrupadas em classes diversas. Por exemplo:

Redes Coercitivas – Narcotráfico, contrabando, terroristas, máfias

Redes “colaborativas” – cadeias automotivas multinacionais, redes de farmácias, redes de TV, etc

Redes Colaborativas Solidárias - feministas, ecologistas, direitos humanos, economia solidária, software livre, etc.

Rede Colaborativa e Solidária

Enquanto *categoria estratégica* é elemento central da chamada *revolução das redes*, na qual ações de caráter **econômico, político e cultural** se realimentam subvertendo padrões e processos hegemônicos mantenedores do capitalismo, avançando para a construção de uma globalização solidária.

A gestão de uma *rede colaborativa solidária* é necessariamente democrática, pois a participação dos membros é inteiramente livre, respeitando-se os acordos firmados entre os membros.

Entre suas características estão: descentralização, gestão participativa, coordenação e regionalização, que visam assegurar a autodeterminação e autogestão de cada organização e da rede como um todo.

Eixo de Lutas

Confere caráter estratégico a uma Rede Colaborativa Solidária

O que é um eixo de lutas

- Objetivo estratégico em torno do qual:
 - vários atores sociais unificam determinadas ações;
 - atende demandas imediatas desses atores,
 - afeta alguma estrutura capitalista e/ou de poder responsável pela existência daquelas demandas ou pela sua insatisfação;
 - implanta uma nova forma de atendimento de tais demandas compatível com a nova sociedade que se deseja construir.
- Elemento de convergência de ações e bandeiras de lutas diversas
- Exige integrar mobilização, organização e formação
- Exemplos: economia solidária, reforma agrária, reforma urbana e cidadania

Eixos de Luta e Organicidade

- ▶ sem eixos de luta, a organicidade das redes colaborativas solidárias e dos movimentos sociais e políticos perde o seu foco estratégico.
- ▶ para o avanço das lutas populares integradas em eixos estratégicos é necessário unir mobilização, organização e educação.
- ▶ o trabalho de mobilização/organização/ educação realizado pelas redes colaborativas e solidárias contribui para que as massas sociais, compostas de indivíduos atomizados, se convertam em povo organizado, sujeito de sua história e de sua própria libertação.

Educação / Organização / Mobilização

- ▶ são três aspectos da ação cultural transformadora, devendo ser considerados sempre juntos em permanente realimentação.
- Toda atividade de organização deve contribuir para qualificar as redes e movimentos e melhorar a sua capacidade de mobilização;
- Toda atividade de mobilização deve ser momento de formação política e ter como resultado o fortalecimento da organização dos movimentos e redes.

- Toda atividade de educação popular no âmbito dos movimentos sociais e redes colaborativas deve colaborar com a:
 - problematização da realidade
 - apropriação de conhecimentos historicamente elaborados
 - geração de novos conhecimentos
 - crítica e reelaboração de utopias pessoais e grupais
 - conscientização de todos
 - capacidade organizativa e mobilizadora dos movimentos e redes
 - avanço na capacidade de propor políticas públicas
 - clareza de como melhor articular diversas lutas conjunturais com os eixos de lutas em uma perspectiva estratégica que vise ampliar o exercício das liberdades públicas e privadas.

- ▶ se algum desses aspectos (mobilização, organização e educação) for desconsiderado na estratégia global ou em cada ação concreta, estas acabarão enfraquecidas em sua capacidade de enfrentar a reprodução do capitalismo.

2. Educação

► A organicidade de uma rede colaborativa solidária requer a prática educativa como ação cultural para a libertação.

Paulo Freire nos ensinou que:

- “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”¹
- “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”²
- “não posso pensar pelos outros nem para os outros, nem sem os outros”³.

¹ Paulo FREIRE. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 52.

² *Ibidem*, p. 68.

³ *Ibidem*, p. 58

Na Perspectiva da Educação Libertadora:

- Cada *ser humano* surge como *humano* pela *relação* que tem com outros seres humanos.
- O único modo das pessoas se humanizarem é pela criação, recriação e transformação do mundo em relação com os demais.
- O humano se humaniza pela comunicação, pela comum união com outros humanos, pela comunhão com eles.
- Se não posso *ser humano* sem a relação com outro *ser humano* no mundo de relações em que vivemos, igualmente não realizo minha liberdade fora desse mundo de relações.
- A liberdade de cada qual não começa onde termina a de cada outro, mas somente pode realizar-se porque se realiza a liberdade de cada outro.
- ▶ Quanto mais a ação cultural para a libertação se realiza, mas humanizados estarão os sujeitos conscientes que se realizam como pessoas, comunidades, povos e nações em dialógica comunicação.

► **A organicidade de uma rede colaborativa solidária deve gerar, solidária e colaborativamente, o conhecimento verdadeiro em que ela se sustenta**

- *A posição dialógica* de Paulo Freire não aceita que seja possível ao *Eu* conhecer a verdade da realidade a partir de si mesmo sem qualquer relação com outra subjetividade.
- o conhecimento verdadeiro somente pode ser alcançado pela intersubjetivação, mediada pela comunicação entre os que problematizam a realidade e geram um acordo comunicativo sobre ela, que é validado pela práxis comum de transformação da realidade e de si mesmos.
- Sem a intersubjetividade não haveria cultura, conhecimento verdadeiro, humanidade, mundo e história humana.
- Pela intersubjetividade, o cultura de uma época se prolonga no mundo da história da humanidade.

- a conscientização parte das compreensões que recebemos acriticamente e avança em direção das razões que afirmamos em nosso processo de humanização.
- a verdade que se afirma nesta dialógica, está inserida no movimento histórico de compreensão crítica e de libertação em direção do inédito a ser descoberto, inventado, realizado e comunicado.
- ▶ a razão é necessariamente comunicativa, pois “não é possível compreender o pensamento fora de sua dupla função: cognoscitiva e comunicativa.”

- ▶ **A educação e o conhecimento que permeiam a ação cultural para a libertação exigem dialogicidade e problematização, sem os quais os processos organizativos perdem a sua capacidade humanizadora e libertadora.**

A libertação ou humanização das pessoas está mediada pela dialógica transformação do mundo, pela transformação da relação dos homens entre si e com a realidade como um todo, compreendida criticamente.

Não se trata de repetir ideias que sejam depositadas na consciência por outros, mas de pensar criticamente as próprias ideias e sua relação com o mundo concreto em que o ser humano se realiza bem como de problematizar o conhecimento e a realidade que se busca conhecer.

Educador e educando aprendem igualmente no mesmo processo de aprendizagem. Assim a conscientização é necessariamente interconscientização.

“Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo.”

“Não há que considerar perdido o tempo do diálogo que, problematizando, critica e, criticando, insere o homem em sua realidade como verdadeiro sujeito da transformação.”⁴

Conhecer é, partindo da problematização daquilo que dialogicamente é recebido, criar e recriar o mundo e a si mesmo num processo de relações que se recusa a reduzir a realidade ao que já pensamos dela, pois ela e o que dela pensamos está em constante transformação.

⁴ Paulo Freire. *Extensão ou Comunicação?* 7a. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 33

Comunhão

condição da existência humana, que somente pode humanizar-se pela ação cultural que se desenvolve necessariamente numa relação dialógica e comunicativa,

em que o conhecimento se produz a partir do encontro humano de pessoas

que voltando-se sobre a realidade do mundo, sobre seus elementos constitutivos e sua história, produzem significados e sentidos

que jamais esgotam o estar sendo do conhecimento, da realidade e de si mesmos em constante recriação,

que integra simultaneamente a compreensão, a inteligibilidade e a comunicação em um processo de libertação.

Não pode haver diálogo e comunicação verdadeira que já não sejam uma ação cultural para a liberdade,

que respeite e promova a liberdade das pessoas em seu diálogo problematizador sobre o mundo,

que lhes possibilite pronunciar conjuntamente uma palavra repleta de significado gerado na própria comunicação de seu pensamento sobre sua realidade em constante transformação.

A educação, assim compreendida, é um processo de libertação humana.

Educar para a libertação não se limita a substituir o conteúdo da prática educativa burguesa por um outro conteúdo. O imprescindível é substituir a forma da prática educativa, que deve ser dialógica e problematizadora.

- ▶ Freire critica o que ele chama de “propaganda libertadora” que é a ação voltada a *depositar* conteúdos pretensamente revolucionários no oprimido como método de atuação política, pois na prática ela reproduz relações de dominação pedagógica que em teoria pretendia superar.

Fundamentos do diálogo para Freire: amor, humildade, fé e confiança.

Amor

“O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos.”

“Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda. // Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. [...] Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. [...] Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.”

Humildade

“não há [...] diálogo, se não há humildade. A *pronúncia* do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. [...] Como posso dialogar, se [...] vejo [a ignorância] sempre no outro, nunca em mim? // Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço *outros eu*? // Como posso dialogar, se me sinto participante de um “gueto” de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”? // Como posso dialogar, se parto de que a *pronúncia* do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? // Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? [...] // A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de *pronúncia* do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.”⁵

A fé no outro.

“Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de *ser mais*, [...] A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. Por isto, existe antes mesmo de que ele se instale. [...] não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado.”⁶

A Confiança

A confiança se instaura com o desenrolar do diálogo, com a história mesma da sua realização. Não é prévia ao diálogo mas algo que ao longo dele o vai consolidando, graças à coerência entre o dizer e o fazer.

“ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a *confiança* de um polo no outro é consequência óbvia. [...] Um falso amor, uma falsa humildade, uma debilitada fé nos homens não podem gerar confiança. A confiança implica no testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos.”⁷

- ▶ **A organicidade de uma rede está assentada na confiança entre todos que supõe a humildade, o amor e a fé na capacidade de cada outro em colaborar com a nossa educação, com nossa libertação pessoal e coletiva, com a humanização de todos e de cada pessoa em particular.**

3. Cidadania

- ▶ A realização da cidadania exige a transformação da sociedade e do Estado para que se garantam as liberdades públicas e privadas eticamente exercidas.
- No campo da Ética a luta pela cidadania visa
 - * a realização plena do ser humano
 - * respeito à sua identidade e realização subjetiva
 - * legitimidade dos *direitos*
- ▶ promoção de uma nova *ética* que enfrente as diversas formas de discriminação de gênero, raça, orientação sexual, idade, condição física e mental, de imposição de padrões estéticos e todas as formas de dominação cultural.

- No campo do Direito a luta pela cidadania visa:
 - * inverter as prioridades tradicionais do desenvolvimento, buscando efetivar-se o quanto antes os direitos dos segmentos mais injustiçados, econômica, cultural e socialmente
 - * assegurar a todos os cidadãos e cidadãs a proteção do conjunto de seus direitos.
- * realização efetiva dos direitos humanos, como valores fundamentais, que se desdobram em leques de direitos, relacionados ao indivíduo, à coletividade e ao gênero humano:
 - a) direitos civis e políticos;
 - b) direitos coletivos, econômicos, sociais e culturais;
 - c) direitos de fraternidade;
 - d) direitos à democracia, à informação e ao pluralismo.

Democracia e Economia

- ▶ Sob o **capitalismo** ocorre a negação da democracia na esfera econômica: manda quem tem capital (plutocracia)
- ▶ Na **economia solidaria** temos a afirmação da democracia na esfera econômica: todos podem participar e decidir (autogestão de empreendimentos e redes colaborativas)
- ▶ **Democracia Antiga** (Grécia)
a Boa Vida do homem livre, do cidadão,
supõe o trabalho do escravo, que não é livre nem cidadão.
- ▶ **Democracia Moderna**
o Bem-Estar, proporcionado desigualmente às classes sociais,
supõe o trabalho assalariado, submetido ao capital que o explora.
- ▶ **Democracia Contemporânea Latino-americana**
o Bem-Viver de todos exige a autogestão econômica,
a sustentabilidade ecológica e a interculturalidade dialógica

Em relação ao Estado, é necessário:

Desprivatização

Investimentos públicos não podem ser feitos com o objetivo de ampliar o acúmulo de capital por grupos econômicos.

Democratização

Descentralização do poder e a criação de canais de participação popular, que possibilitam a *gestão participativa*.

Participação Popular

Conferências, Conselhos, Orçamento participativo, participação no planejamento permanente, plebiscitos, referendos, etc.

Ação cultural, política e econômica para a libertação.

- ▶ **A ação cultural para a libertação em torno a eixos de luta estratégicos exige avançar na democratização da sociedade, da cultura, da política e da economia. Ela se manifesta igualmente na ação política para a liberdade e na ação econômica para a liberdade.**

Algumas proposições de estratégia política para problematização e reflexão dialógica:

1. A economia solidária é a base material do socialismo democrático e a democracia participativa é a sua forma política de realização histórica.

2. Na transição do capitalismo ao socialismo democrático, os governos democrático-populares devem cumprir um duplo papel estratégico:

- fortalecer a participação popular na governança democrática do Estado (com mecanismos diretos e representativos)
- fortalecer democraticamente, com o poder de Estado, a expansão e consolidação da economia solidária.

3. A expansão da *economia solidaria* e da *participacao popular na governanca democratica do Estado* depende muito mais da capacidade de autogestão e de proposição política e organizativa dos setores populares do que dos próprios governos populares, dado que o Estado não pode substituir-se à sociedade, mas deve estar democraticamente subordinado a ela pois o poder emana do povo e o poder popular é a base da soberania.

4. O socialismo democrático, como expressão da democracia participativa e da economia solidária, promove um desenvolvimento ecologicamente sustentável, economicamente viável, socialmente justo e eticamente solidário em favor do bem-viver de todas as pessoas e da paz entre os povos.

5. O avanço da transformação de nossos países rumo ao socialismo democrático depende, em grande medida, da capacidade das nossas sociedades em construir eixos de luta estratégicos que norteiem a disputa de hegemonia, levando os governos a promover transformações estruturais, graças à ampla participação democrática da sociedade civil, tanto na ação direta quanto na ação institucional.

6. As políticas públicas no setor, mais além de combater a pobreza e gerar trabalho e renda, devem fortalecer a organização econômica e social da economia solidária, contribuindo para a elevação da consciência dos trabalhadores autogestionados com respeito ao seu papel na construção de um novo sistema socioeconômico plenamente democrático.
7. A economia solidária pode ser compreendida como um setor socio-econômico em processo de crescimento e organização nos diversos continentes, capaz de auto-organizar-se como um novo bloco histórico numa teia global.

8. Na medida em que os fluxos econômicos que permeiam a economia solidária sejam reorganizados em redes colaborativas solidárias locais e globais, ela poderá se expandir autosustentavelmente em todo o mundo, dando origem a um novo sistema socioeconômico que:
- suprime a subalternidade do trabalho em relação ao capital,
 - supera a noção de bem-estar pela noção de bem-viver,
 - integra a sustentabilidade econômica, ecológica e solidária
 - afirma a democracia como valor universal, inclusive na esfera econômica.
9. Essa Revolução das Redes, ao mesmo tempo econômica, política e cultural, propaga o bem-viver de todos, promovendo:
- o asseguramento das condições materiais, políticas, educativas e culturais para o ético exercício das liberdades públicas e privadas por todas as pessoas e coletividades
 - a soberania das nações
 - o diálogo e o encontro intercultural
 - a paz entre os povos.

- ▶ A organicidade das redes solidárias, atuando colaborativamente nos campos econômico, político e cultural, supõe a dialogicidade e a problematização requeridos ao conhecimento capaz de compreender criticamente as realidades locais e globais e compor ações que atuam simultaneamente nesses dois níveis, protegendo, promovendo e ampliando as liberdades públicas e privadas eticamente exercidas.

Euclides André Mance

(41) 3328-3987

(41) 9619-4393

www.solidarius.com.br/mance

euclides.mance@solidarius.com.br

euclidesmance@yahoo.com

Atenção:

favor não reproduzir, pois pode haver pequenas imprecisões nas citações desta apresentação que ainda deverá ser revisada.